

PELAS REVISTAS E JORNAIS

Comunicados da Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura

A Lavoura em Julho

I — Cuidados com as pastagens — Forragem verde

São do prof. Carlos Teixeira Mendes os alvitres seguintes sobre as práticas agrícolas em Julho:

“Neste mês continuam os trabalhos da primeira lavra e as colheitas de mandioca e de cana. Contudo, vejamos alguma coisa sobre as sécas que se iniciam neste mês, quando não no precedente. Nosso lavrador está farto de saber que dêste momento em diante começam a acentuar-se seus efeitos sobre as pastagens e, conseqüentemente, sobre os animais. Os modos de atenuar seus males podem ser estudados em relação às pastagens e às forragens verdes de que se possa dispôr.

Pastagens — Um dos segredos da conservação das pastagens consiste em deixá-las alternativamente sob o piso dos animais. Durante o verão, enquanto houver chuvas e calor abundante, a vegetação se reconstitue rapidamente, chegando-se mesmo ao caso de o gado não vencê-la, sobrevivendo daí seu florescimento, inconveniente que se patenteia para certas forragens como o Capim Jaraguá.

Com a chegada do inverno, porém, invertem-se as cousas;

a vegetação começa a escassear, em função da sêca, da terra e do número de animais por área, começando êstes a sofrer suas consequências.

Uma parte, pelo menos, das pastagens, de preferência as das terras mais baixas e mais fracas, deveria ser cercada a fim-de sofrer o piso dos animais somente enquanto perdurarem as chuvas. Ao aproximar-se seu fim (fevereiro-março) de-la devemos retirar os animais, para que haja tempo de se restaurarem, acumulando vegetação para os dias de sêca, que é, na realidade, ao que se reduz o nosso inverno.

A essa parte, então, é que caberia com maior justeza a denominação de **invernada**.

O que se verifica, entretanto, na maioria dos casos, por falta dessa providência, é o pasto sobrar no verão e faltar no inverno, salvo quando, em terras muito boas, o número de cabeças de gado é pequeno, relativamente à superfície.

Ocorre com as pastagens de menores superfícies ou naquelas que vivem sobrecarregadas de animais, o gado tosar constantemente a pouca vegetação que desabrocha, resultando daí seu esgotamento. Com a alternância, enquanto uma parte fica sobrecarregada, a outra tem tempo de reconstituir-se, evitando-se assim o esgotamento.

Forragens verdes — A não ser que se cultive a aveia ou o trigo para fins forrageiros e, principalmente, o centeio, mantendo-se todos eles verdes nos meses mais sêcos do ano, em função da época de sua sementeira e da terra escolhida, nosso agricultor quase só conhece uma forragem verde para atravessar o inverno, a cana taquara. Esta, porém, ao lado de oferecer ótimas vantagens (produção, durabilidade, resistência às estia-gens), apresenta também sérias desvantagens, pois é dura, exige ser picada, não despalha naturalmente, além de revelar muito pequena proporção de folhas em relação ao colmo.

Daí uma pergunta — qual a melhor cana para êsse fim, a “Taquara” ou a “Kassoer”?

É questão que pode ser assim respondida — preferindo o agricultor dar uma ração de cana durante todo o ano, de modo a cortar constantemente o canavial, não permitindo que as plantas ultrapassem de um metro de altura, ou pouco mais, a “Kassoer” é melhor, não só porque produz mais, como porque apresenta proporcionalmente muito mais folhas que colmos.

Assim sendo, deve-se fazer uma cultura de tal superfície que, iniciado o corte em uma extremidade, quando chegar ao fim, as plantas primeiro cortadas estejam refeitas. Isto naturalmente com folga bastante, pois durante as sêcas seu desenvolvimento será evidentemente inferior ao que revela nos meses chuvosos.

Se, ao contrário, preferir o agricultor utilizar-se dessa planta forrageira somente durante o inverno, a cana “Taquara” é a melhor.

II — Combate à Tiririca

O prof. Carlos Teixeira Mendes, colaborador da Diretoria de Publicidade Agrícola, oferece aqui indicações sôbre o combate a uma das nossas mais impertinentes pragas vegetais:

“A Tiririca” — Praga que se alastra por todo o Estado, prejudicando enormemente as culturas, deveria ir despertando a atenção de nossos lavradores.

O melhor meio de combatê-la é evitar a sua introdução na propriedade, que a pode receber nos líxos das cidades e, mais comumente, em plantas adquiridas.

A maior inverdade que se tem propagado, em relação à sua extinção, é que as plantas de grande desenvolvimento, cobrindo o solo, abafando a tiririca, determinam-lhe a morte. Abafam, enquanto perdurar a sombra intensa, mas em caso algum a extinguem.

Uma vez instalada na fazenda, quando ainda incipiente a sua infestação, o melhor meio de a extirpar é pelo arrancamento, revolvendo-se amplamente o solo, com eliminação das “ba-

tatinhas”, e isso mesmo repetindo-se várias vezes êsse trabalho.

Quando a infestação é generalizada, só há dois meios práticos de conseguir-se a sua eliminação: pelas capinas sucessivas, pelo menos duas vezes por semana, durante muitos meses seguidos, ou por lavras constantes do solo, se for o caso.

Essas lavras repetidas, revolvendo a terra, combatem a tiririca por exaustão e por dessecação das “batatinhas”. Êsse é o motivo de tratarmos deste assunto neste mês, pois as lavras efetuadas durante a sêca expõem a terra a maior dessecação.

Lavar, portanto, com o fim de combater a tiririca, duas vezes por mês, durante os meses de maior sêca (maio a setembro) constitue o meio mais eficaz de extermínio dessa praga. Entretanto, na época chuvosa, não sendo tão fáceis as lavras, a grade de discos, passada três ou quatro vezes por mês, substitue o arado.

Em áreas limitadas, a criação de galinhas, com êsse propósito, pode eliminar o mal dentro do prazo de um ano e meio a dois.

Praga de baixadas — Nas baixadas alagadiças, ou naturalmente úmidas, é comum desenvolverem-se ervas más, características de tais terrenos. Sua extinção faz-se nas épocas mais secas do ano e, portanto, de junho ou julho em diante. Consta ela da lavra superficial do solo (8 a 10 cents. de profundidade), com arado de aiveca de preferência, trabalho êsse seguido pelo da grade de dentes. Estas duas operações, combinadas, repetidas duas ou três vezes, durante o período de maior falta de chuvas, determina a eliminação de tais ervas.